

“O Hip Hop salvou minha vida!”: (contra) liderança e educação de um folkcomunicador na universidade

Thífani Postali

Doutora em Multimeios pela Unicamp. Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFSCar. Líder do grupo de pesquisas em Comunicação Urbana e Práticas Decoloniais (CNPq-Uniso) e Diretora Científica da Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação (Folkcom).

E-mail: thifanipostali@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0541-7203>.

Rodrigo Barchi

Doutor em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas. Professor-Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba (UNISO).

E-mail: rodrigo.barchi@prof.uniso.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9198-1382>.

Resumo: O trabalho apresenta o resultado da presença do líder-comunicador *folk* e educador Márcio Brown, em uma atividade na Universidade de Sorocaba. Propõe-se compreender como os estudantes associaram Márcio Brown aos estudos folkcomunicacionais, a partir do uso da etnografia na cidade e análise de 19 atividades realizadas pelos(as) estudantes, chegando ao resultado de que ouvir e presenciar um líder comunicador *folk* implica em efeitos muito significativos no que se refere à assimilação da teoria da folkcomunicação para a compreensão social. Discute-se aqui, o papel educador de Márcio Brown no diálogo com aspectos da teoria de Paulo Freire sobre dialogicidade, indignação e radicalidade.

Palavras-chave: líder comunicador; folkcomunicação; hip hop; radicalidade; educação.

Abstract: The work presents the results of the presence of the folk communicator and educator Márcio Brown in an activity at the University of Sorocaba. It aims to understand how students associated Márcio Brown with folk communication studies, based on the use of ethnography in the city and the analysis of 19 activities carried out by the students. The findings indicate that listening to and witnessing a folk communicator leader has very significant effects on the assimilation of folk communication theory for social understanding. This discussion explores Márcio Brown's educational role in dialogue with aspects of Paulo Freire's theory regarding dialogicity, indignation, and radicality.

Keywords: leader-communicator; folk communication; hip hop; radicality; education.

Recebido: 11/02/2025

Aprovado: 29/04/2025

Um educador é um pouco um artista do palco; um educador se afirma enquanto aprende a se mover no palco como artista (Paulo Freire, 2014, p. 170).

1. INTRODUÇÃO

Alertam-nos Hardt e Negri¹, na esteira dos escritos de Marx² sobre a Comuna de Paris de 1871, que é necessário fazer uma separação entre aquilo que se sugere uma crítica de liderança daquilo que é a completa negação das organizações e instituições. Isso porque, ao assumirem outras formas políticas de organização social, baseadas na radicalidade democrática e na recusa à representação, os comunardos, nos processos longos que as decisões coletivas levam, acabaram perdendo o tempo de perceber a rápida resposta dos governos inimigos ao levante parisiense e, somadas às crises de fome e traições internas, essas circunstâncias levaram o levante à derrota e ao massacre.

Se, por um lado, a ausência de lideranças, nos processos de contestação, reivindicação, revolução e recusa da opressão e exploração, leva às críticas às radicalidades democráticas por causa de sua “angelicalidade” e falta de “realismo tático”³, por outro, a negação da centralidade das decisões e do poder faz jus a um dos aspectos mais caros da perspectiva política democrática, que é, mais do que a participação dos sujeitos nas tomadas de decisões, a recusa em deixar de fora quem queira exercer seu — pensando espinhosamente — direito natural de perseverar na existência, ao se conectar e alinhar politicamente aos resistentes e aos indignados.

Quando Marx, já nos primeiros textos de crítica a Hegel e no decorrer de sua trajetória de escrita política, contestando tanto o Estado quanto o capital, sugere que, longe de ser um poder despótico, a ditadura do proletariado era justamente o escopo democrático radical da Comuna de Paris, ele nos traz à tona uma ambiguidade dos movimentos políticos e sociais, a qual, mais de 150 anos depois, constitui um dos maiores problemas teóricos e práticos do exercício das ações políticas e sociais.

Ou seja, ao ceder ao mesmo tipo de dinâmica política que pauta os Estados modernos e contemporâneos — de centralidade de poder e restrição à participação política dos indivíduos, limitando-os exclusivamente ao pleito (quando este não é suspenso a partir dos golpes usurpadores e tirânicos) de escolha das representações nas instituições, por um determinado período de tempo — os movimentos revolucionários, resistentes, políticos e sociais correm o risco de fortalecer ainda mais as instituições despóticas, em vez de necessariamente transformá-las em devidamente populares.

A questão, portanto, que pauta justamente a necessidade — ou não — de lideranças nos processos simultâneos de radicais democratizações e eficácia política na conquista de garantias para os insurgentes⁴, é o que nos faz trazer, neste texto, o papel do folkcomunicador e rapper Márcio Brown como

1. HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Assembly**: A organização multitudinária do comum. São Paulo: Editora Filosófica Politéia, 2018.

2. MARX, Karl. **A Guerra Civil na França**. São Paulo: Boitempo, 2011.

3. HARDT; NEGRI, op. cit.

4. *Ibid.*

**"O Hip Hop salvou minha vida!":
(contra)liderança e educação de um folkcomunicador na universidade**
• Thifani Postali e Rodrigo Barchi

emblemático expoente das lutas sociais da periferia negra sorocabana e sua presença na Universidade de Sorocaba. A liderança de Márcio Brown perante os movimentos das margens sorocabanas, nas palavras de Reigota⁵, impõe-se em suas falas no espaço educativo da universidade como não somente a de um comunicador de culturas e lutas invisibilizadas, mas como a de um expositor de saberes cuja contribuição ao campo da pesquisa acadêmica e científica intenciona-se trazer nas páginas a seguir.

Nesse sentido, é preciso entender, como ponto de partida, o papel educativo que Márcio Brown exerce — mesmo não sendo um professor formado e/ou referendado como tal pela institucionalidade educacional — perante as comunidades, e que buscaremos trazer o quanto também se exerceu em suas falas e conversas junto às estudantes e aos estudantes da Universidade de Sorocaba, em sua visita.

Para isso, recorremos epistemologicamente a Paulo Freire⁶, em três dimensões, nas quais buscaremos, tanto a partir da dinâmica exercida por Márcio Brown quanto pelas impressões dadas pelas alunas e alunos da Comunicação Social da Universidade, situar: a “ética da luta e a boniteza da briga”, especialmente em relação à denúncia feita pelo hip hop; a “radicalidade democrática”, que permite a um folkeducador da periferia exercer uma liderança sem necessariamente tomar o poder, como lembra Altamira⁷; e a “dialogicidade”, que, nos processos educativos obriga quem fala a ouvir a diferença no/do/com o outro.

Assim, o objetivo deste trabalho é compreender de que maneira estudantes universitários associaram a presença de um líder comunicador *folk* aos estudos folkcomunicacionais apresentados na disciplina de Cenários Midiáticos Regionais, oferecida nos cursos de Comunicação da Universidade de Sorocaba, instituição comunitária localizada na cidade de Sorocaba, interior de São Paulo.

A metodologia do estudo engloba a etnografia na cidade, a partir de Magnani⁸, com observação das palestras do *rapper* sorocabano Márcio Brown, proferidas no mês de abril de 2023 para cerca de 200 estudantes dos cursos de Comunicação e Psicologia, além de entrevista semiestruturada com o *hip hopper* e análise de 19 textos solicitados aos estudantes de Comunicação como atividade individual, para compreender a maneira como eles associaram o *rapper* aos estudos folkcomunicacionais.

Entre os principais achados, as atividades apontam que ouvir e presenciar um líder comunicador *folk* implica efeitos muito mais significativos no que se refere ao entendimento da folkcomunicação enquanto teoria fundamental para a compreensão social, apresentando a importância dessas lideranças nos ambientes educacionais hegemônicos.

Este texto, portanto, está dividido em quatro partes. A primeira é sobre o hip hop sorocabano e seu processo político e cultural de constituição como uma dimensão marginal de musicalidade marginal, em defesa do povo negro das periferias das cidades; a segunda é a caracterização de Márcio Brown como um líder, não somente folkcomunicacional, mas também educacional,

5. REIGOTA, Marcos. A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 6, 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24105>. Acesso em: 30 out. 2024.

6. FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Tolerância**. 3. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2014; FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 24. ed. São Paulo: Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2018.

7. ALTAMIRA, Cesar. **Os marxismos do novo século**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

8. MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, 2009. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832009000200006>

vista a trajetória traçada por ele na formação de outras lideranças periféricas na cidade de Sorocaba; na terceira parte, expomos a atividade realizada por Márcio Brown em sua visita à Universidade de Sorocaba e o encontro com alunas e alunos; e, na última seção, queremos trazer os impactos da presença de Márcio Brown e suas falas na Universidade de Sorocaba, perante alunas e alunos dos cursos de Comunicação Social. E também as três dimensões que fazem com que esse folkcomunicador possa ser considerado um educador dialógico e radicalmente democrático, numa perspectiva freireana.

2. O HIP HOP SOROCABANO

O hip hop é um movimento cultural que busca, por meio da arte, promover a reflexão a respeito de inúmeras questões sociais que atravessam a vida de diversos grupos marginalizados. Os elementos que o compõem são o MC (Mestre de Cerimônias), o DJ (*Disc-jockey*), o *Breaking* e o Grafite, além do 5º elemento, criado pelo fundador do hip hop, Afrika Bambaataa, para demarcar a filosofia do movimento, uma vez que grupos começaram a utilizar os elementos para a promoção de ideais na contramão da proposta de Bambaataa, que é munir os jovens de consciência para que busquem a paz e a união por meio da diversão – lema do hip hop – no lugar da violência e da criminalidade⁹.

Para compreender o hip hop sorocabano, foi empregada a metodologia de “perto e de dentro”, que trata da etnografia na cidade. Para Magnani, o foco antropológico, sobretudo a partir do método etnográfico, evita a abordagem que opõe o indivíduo às megaestruturas urbanas. A perspectiva de perto e de dentro é “[...] capaz de apreender os padrões de comportamento, não de indivíduos atomizados, mas dos múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais cuja vida cotidiana transcorre na paisagem da cidade e depende de seus equipamentos”. Esse método permite observar os atores sociais a partir de seus comportamentos, ou seja, “[...] das formas por meio das quais eles se avêm para transitar pela cidade, usufruir seus serviços, utilizar seus equipamentos, estabelecer encontros e trocas nas mais diferentes esferas [...]”¹⁰. Segundo o autor,

Essa estratégia supõe um investimento em ambos os polos da relação: de um lado, sobre os atores sociais, o grupo e a prática que estão sendo estudados e, de outro, a paisagem em que essa prática se desenvolve entendida não como mero cenário, mas parte constitutiva do recorte de análise. É o que caracteriza o enfoque da antropologia urbana, diferenciando-o da abordagem de outras disciplinas e até mesmo de outras opções no interior da antropologia¹¹.

Assim, nos dias 19 e 26 de janeiro e 16 de fevereiro de 2023, passamos os períodos da tarde com o *hip hopper* Márcio Brown¹², em conversa a respeito da prática do hip hop na cidade de Sorocaba e sua relação com a cidade. Algumas conversas ocorreram no Clube 28 de Setembro; porém, a maior parte delas

9. POSTALI, Thífani. **Blues e Hip Hop: uma perspectiva folkcomunicacional**. Jun diaí, Paco Editorial, 2011.

10. MAGNANI, José Guilherme Cantor. São Paulo: de perto (e de dentro) é outra cidade. **Ponto Urbe**, n. 18, 2016. p. 18. <https://doi.org/10.4000/pontourbe.3116>; MAGNANI, 2009. p. 132.

11. *Ibid.*, p. 18.

12. Cabe ressaltar que a divulgação das informações foi autorizada por Márcio Brown, em documento assinado.

"O Hip Hop salvou minha vida!"
(contra)liderança e educação de um folkcomunicador na universidade
• Thífani Postali e Rodrigo Barchi

ocorreu em caminhada pela região central da cidade de Sorocaba, local em que a história do hip hop teve seu início. Cabe ressaltar que caminhar com o sujeito de pesquisa, bem como se alimentar em comunhão (comensalidade), são métodos que, na perspectiva de Morin¹³, inferem maior aproximação entre as pessoas. O método da caminhada pôde ser comprovado durante o contato com Márcio Brown, que, ao caminhar pelas ruas de Sorocaba, parava nos principais pontos de interesse, contando como eram e o que faziam nesses espaços, ao mesmo tempo que, ao encontrar pessoas conhecidas pelas ruas, acrescentava informações a respeito do assunto, entre outras. O método propiciou observar e coletar informações de modo muito mais significativo quando comparado a uma entrevista/conversa em um único espaço. Para este trabalho, foram selecionados os pontos mais importantes para a construção da história do hip hop sorocabano.

Não diferente da história da chegada do hip hop no Brasil, Márcio Brown conta que Sorocaba seguiu os mesmos passos, talvez pela proximidade com a cidade de São Paulo, cerca de 103 km distante, berço do movimento no país. Enquanto, na capital, em meados da década de 1980, os jovens se reuniam para dançar *breaking* nos bailes Black e na Estação de Metrô São Bento, localizada no Largo São Bento (109 – Centro Histórico de São Paulo), em Sorocaba, os jovens periféricos se reuniam em bailes realizados em espaços centrais alugados pelo DJ Nelson Maçã para esse fim e nas rodas de *breaking* realizadas atrás da Igreja Matriz Catedral e na Praça Coronel Fernando Prestes, ambas localizadas no coração da cidade de Sorocaba. Não à toa, enquanto o metrô permite o acesso de inúmeros jovens periféricos oriundos de diferentes localidades ao Largo do São Bento, a região central de Sorocaba abriga o ponto final dos transportes públicos (ônibus) que circulam pelas diversas regiões da cidade.

Por meio da cultura Black estadunidense – que chegava a Sorocaba e promovia as rodas de *breaking* –, o movimento foi ganhando força, e logo se percebeu a potência das artes periféricas como ferramentas de comunicação social. Sorocaba se tornou, segundo Márcio Brown, um polo do hip hop brasileiro, surgindo, na década de 1990, nomes e grupos fundamentais da história do movimento, tais como Fora do Crime, DMR (Defensores do Movimento Rap e Dança, Movimento e Ritmo), Grupo Black or White MC's (que mais tarde se tornou o Grupo X da Questão), Grupo RCS (que se transformou no Grupo X4 e que teve o videoclipe da música "Mano se liga" veiculado na emissora MTV), Suburban Breakers (que ganhou destaque em uma edição da Revista Raça), entre outros importantes nomes e grupos.

Sendo uma cidade localizada no interior de São Paulo, Sorocaba possui característica conservadora, não fugindo ao preconceito racial. O movimento hip hop sorocabano teve que, ao longo dos anos, encontrar estratégias para manter a cultura pulsante. Márcio Brown lembra que os espaços públicos foram reestruturados para que, em certa medida, impedissem os jovens de ocupá-los. As praças públicas centrais, que abrigavam estrutura com arena, bancos, pisos

13. MORIN, Edgar. Crônica de um filme. In: ROUCH, Jean. **Ciné Ethnography**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2003.

propícios para manifestações culturais, foram reformadas e transformadas em espaços vazios, sem muitos bancos e arena. O caso mais simbólico contado pelo *rapper* é o da praça dos fundos da Igreja Catedral. Até 1990, ela possuía arena e piso, sendo um dos principais pontos de encontro dos jovens *hip hoppers* que ali dançavam *breaking*. Certo dia, o espaço foi transformado em jardim, o piso foi trocado por grama e a praça fechada com grades e alambrado, fazendo com que os jovens buscassem outros espaços para manifestar a cultura. Cabe ressaltar que a Igreja Catedral sempre foi frequentada por famílias tradicionais da cidade e, segundo Márcio Brown, muitas pessoas não viam com bons olhos os jovens periféricos ocuparem os fundos da igreja, por mais que estivessem praticando cultura.

Os jovens também não tinham acesso facilitado aos clubes da cidade localizados no entorno da Praça Fernando Prestes: Sorocaba Club, Clube Recreativo Central e Círculo Italiano (apelidado de Chirculo e Chiqueirão), seja pela questão econômica ou pelo racismo estrutural que não permitia que os jovens, especialmente os negros, se sentissem à vontade e identificados com esses locais.

Alguns poucos clubes abriram espaços para o hip hop. Geralmente, os espaços eram alugados pelo DJ Nelson Maçã, como mencionado anteriormente, para a realização de bailes Black e shows de grupos já reconhecidos no circuito do hip hop, tais como Thaíde & DJ Hum, Sampa Crew, Ndee Naldinho, Pepeu, Região Absal, Os Metralhas, Nelson Triunfo, Racionais MC's, entre outros. Entretanto, o principal local que abrigava – e ainda abriga – as festas e os shows de hip hop chama-se Clube 28 de Setembro, local que recebeu o primeiro show do grupo Racionais MC's e Thaíde na cidade de Sorocaba.

O Clube 28 de Setembro merece especial atenção na história da cidade como um todo. Localizado a poucos metros da Praça Coronel Fernando Prestes, mais especificamente na Rua Machado de Assis, a Sociedade Cultural e Beneficente 28 de Setembro foi fundada em 28 de setembro de 1945 por um grupo de 14 ferroviários. Foi criada como solução para oferecer recreação para a comunidade negra de Sorocaba, que se via descolada dos espaços dominantes da cidade. Desde então, a associação atua na defesa e valorização da cultura afro-brasileira, promovendo e abrigando diversos eventos de interesse especial da comunidade negra. Tornou-se um dos principais pontos de encontro e promoção da cultura hip hop de Sorocaba.

A cena hip hop sorocabana resistiu ao tempo e continua desenvolvendo estratégias para transformações sociais. Um dos maiores agentes culturais da cidade é Márcio Brown, que, além do trabalho com o rap, organiza e participa de eventos diversos relacionados ao movimento. Como Márcio Brown diz: Ele é o Hip Hop.

3. MÁRCIO BROWN: UM LÍDER COMUNICADOR

O ambiente universitário brasileiro ainda é um espaço hegemônico, cuja cultura, em muitos casos eurocêntrica, invisibiliza as diferentes manifestações culturais, sobretudo as oriundas dos grupos que estão à margem da cultura dominante. Na contramão, desde meados de 1960, Luiz Beltrão dedicou-se aos estudos dos agentes de comunicação e dos meios de comunicação populares. Em 1967, defendeu sua tese na Universidade de Brasília, já indicando a teoria da folkcomunicação, estudo que até hoje encontra barreiras nas universidades, uma vez que diversos acadêmicos, apesar de considerarem outros estudos do autor como fundamentais para a área da comunicação, evitam a utilização da teoria por ele defendida.

Entre seus estudos, Beltrão¹⁴ nos apresentou o conceito de líder comunicador *folk*, ou seja, uma pessoa que possui opiniões pertinentes ao seu grupo social e que, a partir de informações que colhe em diferentes meios, as codifica para uma forma mais adaptada ao seu público. São, portanto, pessoas bastante consideradas em seus meios e fundamentais para a comunicação de seu grupo e/ou território.

É nesse sentido que entendemos a ação de Márcio Roberto dos Santos, conhecido como Márcio Brown, um *rapper*, sonoplasta, ativista e produtor cultural. Entre os seus trabalhos, realiza palestras e conversas em escolas públicas com a intenção de levar a conscientização social e o hip hop para os jovens periféricos sorocabanos. Como *rapper*, entrega narrativas com afro-brasilidades, incluindo reflexões sobre a coletividade na periferia e a arte hip hop como uma possibilidade de caminho positivo para os jovens.

A história de Márcio Brown retrata a filosofia do movimento hip hop e reforça a frase frequentemente proferida por muitos artistas que fazem parte do movimento: "o hip hop salvou a minha vida". Quando criança, aos seis anos de idade, fugiu de casa e passou a viver nas ruas de Sorocaba e, depois, de São Paulo. Viveu com outras crianças na Praça da Sé, em São Paulo, enfrentando todos os desafios de uma criança em situação de rua. Certo dia, uma viatura da Rota enquadrou as crianças e um policial apontou a arma calibre 12 para a boca de Márcio, dizendo: "ou você morre ou você corre, neguinho". Márcio tinha onze anos na ocasião e correu para a rodoviária. Sua situação de rua acabou quando, na rodoviária de São Paulo, foi acolhido por uma policial negra que disse que o levaria para casa, pois também estava a caminho de Sorocaba.

Sua história com o movimento hip hop inicia-se nesse período, quando, sem idade e condições de frequentar o Clube 28 de Setembro, mas curioso com a roda de *breaking*, pula o muro e arrisca uns passos, sendo chamado por alguém de Brown, em referência ao músico e dançarino estadunidense James Brown. Desde então, foi apelidado de Brown. Como ele lembra em suas palestras, Márcio é Brown antes mesmo de o *rapper* Pedro Paulo Soares Pereira ser conhecido como Mano Brown.

14. BELTRÃO, Luiz. **Folk-comunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

Márcio Brown faz parte da primeira geração de *hip hoppers* de Sorocaba. Seu trabalho envolve diversas parcerias e formação de grupos desde 1989. Dentre os seus trabalhos, participou de grupos como Juventude Negra, Os Brothers do Rap, DMR (Dança, Movimento e Ritmo), Irmãos de Quebrada, 13 Volts, Banda Fuzuê – que misturou instrumentos de percussão, *Beat Box*, *Scratches* e Rap com Capoeira – e o grupo Fora do Crime, que realizou o primeiro registro fonográfico do gênero rap da região metropolitana de Sorocaba.

No trabalho solo, Márcio Brown lançou o single *Coisa de Negro* e o EP *Na Larika da Arte*, em 2015. Atualmente, produz *É Preto Amor*, que conta com as participações de Carlo Rappaz (X Da Questão), Silas Puro Osso e Diales TX (projeto Sarjeta), e Márcio Richard (Caixa Vedada).

Cabe ressaltar que Márcio Brown também atua como sonoplasta e agente cultural, organizando diversos eventos, especialmente relacionados à cultura negra. Possui o canal no YouTube “Fala Brown”, no qual realiza *lives* com convidados e que é assim descrito: “trocamos informações, reflexões, emoções, intervenções, falamos até de situações! Compartilhe com diversidade e respeito”. Como produtor, Brown também dirigiu o documentário *Hip Hop em Movimento*, lançado em 2007.

Suas composições e trabalho vão ao encontro da filosofia do hip hop, destacando o 5º elemento: o conhecimento. Trazem reflexões sobre o cotidiano das periferias, identidade afro e crítica social, atreladas ao lema Paz, Amor, União e Diversão.

Em suas falas, Márcio Brown reforça a importância do movimento hip hop para a vida dos jovens e o quanto os membros do movimento são convocados para “trocar ideias” nas escolas. Das letras de música reflexivas às falas, Márcio Brown se mostra um líder comunicador *folk*. Segundo a folkcomunicação, teoria que se debruça sobre a comunicação dos marginalizados, o líder comunicador *folk* é a pessoa que elabora mensagens, codifica e transmite em linguagens e canais familiares à audiência, que é conhecida psicológica e vivencialmente pelo comunicador¹⁵. Nesse sentido, o líder comunicador *folk* se caracteriza como um agente formador de opinião que se mune das informações disponíveis – tanto nos meios de comunicação massivos quanto em outras formas de comunicação –, transformando-as a partir de seu repertório cultural.

Segundo Beltrão¹⁶, os líderes nem sempre são autoridades ou pessoas com fama, mas possuem certo carisma e potência comunicacional, atraindo ouvintes, leitores, admiradores e seguidores. Assim, trata-se de um influenciador de seu território e grupo social. Trigueiro¹⁷ complementa a ideia de líder comunicador ao dizer que “[...] é um sujeito com biografia carregada de referências do local, dos costumes, das histórias de vida familiar, escolar, mas com uma intenção maior com os meios de comunicação social e mais vivência fora do mundo local”.

Quando Márcio Brown é observado como agente e produtor cultural, torna-se possível assimilá-lo também ao conceito de ativista midiático, cunhado

15. BELTRÃO, 1980.

16. *Ibid.*

17. TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. *Folkcomunicação & ativismo midiático*. João Pessoa: Universitária da UFPB, 2008. p. 45.

por Trigueiro. Segundo o autor, o ativista midiático é um sujeito protagonista nos processos de mediações, ou seja, que se apropria da linguagem e das possibilidades oferecidas pelas novas tecnologias de comunicação, elaborando e produzindo conteúdos que fazem circular conteúdos populares para além de seu grupo.

O ativista midiático age motivado pelos seus interesses e do grupo social ao qual pertence na formatação das práticas simbólicas e materiais das culturas tradicionais e modernas. É um narrador da cotidianidade, guardião da memória e da identidade local, reconhecido como porta-voz do seu grupo social e transita entre as práticas tradicionais e modernas, apropria-se das novas tecnologias de comunicação para fazer circular as narrativas populares nas redes globais¹⁸.

Desse modo, o ativista midiático é um líder comunicador que possui acesso às novas tecnologias de comunicação, potencializando sua mensagem no que diz respeito ao alcance de um público nacional e, eventualmente, mundial. Ele “[...] pode operar nas esferas informais da produção cultural popular e nas esferas institucionais, realizando as conexões entre as experiências do seu mundo e as de outros notadamente ao vivo, pelo rádio e pela televisão”¹⁹. No caso de Márcio Brown, as conexões são feitas, especialmente, pelas plataformas digitais de comunicação, por meio de suas páginas nas mídias sociais.

4. MÁRCIO BROWN NA UNIVERSIDADE: UMA LEITURA FOLKCOMUNICACIONAL

Em 5 de abril de 2023, Márcio Brown foi convidado para trocar ideias com estudantes dos cursos de Comunicação e Psicologia da Universidade de Sorocaba, Sorocaba, Brasil. Na ocasião, contribuiu com a disciplina que a proponente deste artigo leciona na universidade, chamada *Cenários Midiáticos Regionais*, cuja ementa envolve os estudos em folkcomunicação. O evento também fez parte do projeto “Diálogos Afirmativos”, promovido pelo curso de Comunicação Social: Publicidade e Propaganda, sob a organização da proponente.

Márcio Brown esteve presente nos períodos da manhã e da noite e falou cerca de três horas em cada período para aproximadamente 200 jovens universitários, em cada ocasião. Suas falas não seguiram roteiro. Como ele disse, foram baseadas no *freestyle*, termo comum no movimento hip hop e que se refere ao ato de fazer algo no improviso, o que é bastante valorizado pela cultura. Os temas mais abordados pelo *rapper* foram: sua história de vida, sua experiência enquanto homem negro, o preconceito racial, a importância do hip hop e, sobretudo, a consciência da união e do respeito entre as pessoas.

Cabe destacar que respeito e união são, por diversas vezes, frisados nas falas de Márcio em suas diferentes atividades (letras de música, palestras, *lives* etc.). Segundo Márcio Brown, essa foi a primeira vez que foi convidado para falar para um público universitário, ou seja, um público que, em sua maioria, não faz parte do grupo social do *rapper*. Nesse sentido, o *rapper* destacou a

18. *Ibid.*, p. 48.

19. *Ibid.*, p. 49.

importância da conexão e da união entre pessoas de diferentes grupos e classes sociais para fortalecer a luta contra as desigualdades sociais.

Para atender aos requisitos da disciplina *Cenários Midiáticos Regionais*, solicitei aos estudantes de Comunicação que realizassem a atividade de escrever a respeito da experiência com Márcio Brown, levando em consideração o aprendizado acerca da teoria da folkcomunicação. As palavras-chave “cultura”, “folkcomunicação”, “líder comunicador *folk*” e “identidade cultural” foram indicadas como forma de conduzir a leitura dos(as) estudantes. As atividades foram entregues por meio da plataforma educacional Moodle, ferramenta usada pela Universidade de Sorocaba.



Figura 1: Márcio Brown na Universidade de Sorocaba

Fonte: Foto cedida pela estudante de jornalismo Letícia Fávero (2023).

Para compreender a forma como os(as) estudantes fizeram a leitura acerca de Márcio Brown, analisaram-se 19 atividades validadas. Ao todo, foram entregues 23 documentos; destes, 4 foram desconsiderados por não atenderem ao objetivo da atividade, uma vez que os(as) estudantes faltaram no dia da troca de ideias. De modo geral, os textos apresentaram coerência na relação entre o conteúdo exposto em sala de aula e a leitura feita sobre Márcio Brown.

No que se refere à folkcomunicação, ela aparece como uma teoria que valoriza a comunicação dos marginalizados, com destaque para um dos trabalhos, que chama a atenção para o fato de ser uma teoria brasileira que propicia entender a comunicação genuína do país, uma vez que cada local tem suas especificidades. Um dos trabalhos ressalta a interpretação do *rapper* a partir

da folkcomunicação, incluindo a forma de se comunicar por meio de gírias e gestos específicos de seu grupo social.

Em quase todos os trabalhos, Márcio Brown aparece de forma assertiva como líder comunicador *folk*. O *rapper* foi interpretado como um líder genuíno que exerce influência para a luta contra as desigualdades e o preconceito racial, sendo uma voz da experiência fundamental para a conscientização social e que fala a partir da horizontalidade. Também foi mencionado como importante representante para o seu grupo social.

A cultura popular aparece como mecanismo de comunicação dos grupos marginalizados, sendo o hip hop interpretado como uma ferramenta de comunicação, luta e resistência contra as desigualdades sociais. Um ponto que chamou atenção foi a abordagem do hip hop como cultura para que pessoas brancas não periféricas entendam a sociedade de forma mais abrangente. Um dos trabalhos destacou que o hip hop “faz você entender o seu lugar na sociedade”, enquanto outra atividade apontou a importância da presença de Márcio Brown na universidade, uma vez que, nela, alcançou um público além de seu grupo social. Ainda sobre o hip hop, destaca-se a frase: “hip hop é uma ferramenta de comunicação que auxilia a ação desses agentes na luta pela transformação do local”.

Com relação à reflexão sobre o papel de outras pessoas na luta contra as desigualdades e injustiças diversas, alguns trabalhos refletem que a presença de Márcio Brown “deve ter plantado uma semente em todos que estavam ali” e reforçaram a importância em “apoiar movimentos como os de Márcio Brown”.

5. OS IMPACTOS DA PRESENÇA DE MÁRCIO BROWN

Os 19 trabalhos considerados para as análises corroboram a hipótese de que conectar outros grupos sociais com líderes comunicadores *folk* contribui de forma muito mais significativa para a compreensão social. De modo geral, os trabalhos apontam para a empatia causada pela presença do *rapper* e a prática da alteridade, uma vez que a maioria dos estudantes expressou suas impressões a partir de outra localização social e relatou a importância do contato com o *rapper* para o seu conhecimento.

Nesse sentido, a presença de líderes comunicadores em ambientes hegemônicos preparados para recepcioná-los, como no caso da universidade, contribui para o currículo dos estudantes, que recebem conteúdos para além da mediação acadêmica e dominante. Importante também ressaltar que a comunicação presencial possui características potentes para que a comunicação ocorra, como apresentou um dos trabalhos ao mencionar a forma como Márcio Brown se comunica por gestos e gírias. Segundo McLuhan²⁰, as palavras representam “sistemas complexos de metáforas e símbolos que traduzem a experiência para os nossos sentidos manifestos ou exteriorizados”. Para o autor, a palavra falada é imediata, provocando a reação do receptor: “[...] ao falar tendemos a reagir

20. MCLUHAN, Mac. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** São Paulo: Cultrix, 2001. p. 77.

a cada situação, seguindo o tom e o gesto até de nosso próprio ato de falar”²¹. Ao mencionar um *disc-jockey*, diz:

Dave Mickie geme, grunhe, rebola, canta, trauteia, entoa, corre, sempre reagindo às suas próprias ações. Ele se move quase que inteiramente na área da experiência falada, e não da escrita, criando, desse modo, a participação da audiência. A palavra falada envolve todos os sentidos intensamente [...]²².

Outro ponto que merece destaque é a menção, em um dos trabalhos, à “fala horizontal”. Essa menção pode ser interpretada à luz da filosofia buberiana, que diz que a comunicação genuína só ocorre com a ética dialógica, ou seja, quando pessoas diversas entendem que percorrem caminhos diferentes e, assim, estão dispostas ao tratamento respeitoso, aprendendo umas com as outras. Buber²³ ressalta que a ética dialógica é uma relação sincera capaz de promover alteridades. Para o autor, o habitat natural do ser humano é composto pela relação entre as pessoas; entretanto, o ser humano foi violentamente sequestrado de sua natureza quando a modernidade criou uma pedagogia que potencializa o individualismo ou o coletivismo, situações que cegam a percepção do indivíduo sobre si.

A filosofia buberiana tem, no existir humano, sua reflexão, considerando que os padrões sociais dominantes reduziram os seres humanos a conceitos, desconsiderando-os em suas singularidades. Assim, quando Márcio Brown provoca no público a reflexão sobre si, a partir de uma fala compreendida como horizontal, nota-se que, apesar do formato de palestra, a comunicação, como fenômeno da natureza humana, ocorreu pela forma como o líder comunicador se apresentou: à luz da ética dialógica, a qual, por sua vez, numa perspectiva de abertura recíproca ao mundo que Freire, leitor de Martin Buber²⁴, principalmente em suas últimas cartas²⁵ as quais propõe como o ato educativo, nos ajuda a compreender a presença de Márcio Brown na universidade como educador. Isso se deve à promoção da dialogicidade tanto a si, ao se deparar com a diferença que existe entre sua trajetória, vivências e militâncias e as perspectivas dos(as) estudantes universitários(as), quanto à comunidade acadêmica, que, ao perceber que a construção do saber não se dá somente nos pressupostos, na dinâmica e no âmbito universitário, mas nas trocas possibilitadas pela experiência aqui narrada, se desloca de sua exclusividade em direção ao coletivo.

Entender que Márcio Brown é, em sua ação ético-dialógica buberiana, um educador no sentido freireano do termo faz parte do que o próprio Paulo Freire entendia como realizar uma educação radicalmente democrática, pois não se trata, na experiência folkcomunicadora, de transmitir saberes sobre noções pressupostas de democracia, em uma prática pedagógica bancária, mas sim de promover a construção de saberes outros a partir da abertura dialógica entre diferenças, especialmente a partir da abordagem marginal e indignada que Márcio Brown leva à universidade, a qual, por sua vez, passa a se exercer não somente como instituição educadora, mas como espaço educando, no qual

21. *Ibid.*, p. 97.

22. *Ibid.*, p. 95.

23. BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

24. PENA, Alexandra Coeliho; NUNES, Maria Fernanda Rezende; KRAMER, Sonia. Formação humana, visão de mundo, diálogo e educação: a atualidade de Paulo Freire e Martin Buber. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 34, e172870, 2018. <https://doi.org/10.1590/0102-4698172870>

25. FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000; FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**: reflexões sobre minha vida e minha práxis. São Paulo: Paz & Terra, 2013.

**"O Hip Hop salvou minha vida!":
(contra)liderança e educação de um folkcomunicador na universidade**
• Thífani Postali e Rodrigo Barchi

o folkcomunicador se constitui, simultânea e constantemente, como aprendiz e educador.

Dessa maneira, comprehende-se que a presença de líderes comunicadores *folk*, sejam eles ativistas midiáticos ou não – em ambientes hegemônicos que propiciam a conexão entre diferentes grupos – é fundamental para a compreensão social de inúmeros jovens não periféricos que, medusados pelas narrativas dominantes que ainda hoje estigmatizam pessoas periféricas, acabam não refletindo e, consequentemente, não se engajando na luta pelo combate às desigualdades sociais. A presença de líderes comunicadores como Márcio Brown é uma forma de potencializar a reflexão sobre as práticas socioculturais vigentes.

Com relação aos alunos que se identificaram com o *rapper* por pertencerem ao mesmo grupo social, Márcio Brown recebeu a mensagem de um aluno de engenharia, via rede social, que passou pelo local e ficou impactado ao ver o evento na universidade; a proponente recebeu espontaneamente o depoimento e um desenho, por e-mail, de um aluno de uma turma que não participou da atividade sobre folkcomunicação. No mesmo e-mail, o aluno Thiago, do 7º período do curso de Comunicação Social: Publicidade e Propaganda, autorizou a reprodução do conteúdo:

Outra fala de Brown que me marcou, foi: “O rap me ensinou a buscar conhecimento, para não ser mais um”. Isso se conecta diretamente com a minha história, onde o conhecimento acadêmico é uma realidade que durante anos se fez distante da minha família e ainda é impensável na realidade de muitas outras que vêm ambientes menos privilegiados. Ao alcançar este lugar, o sentimento de responsabilidade é protagonista, assim como um artista, que versa sobre uma realidade de dificuldade e através da sua música sente importância de influenciar “os seus” para alcançarem o melhor. Como aluno negro, ver e ouvir sobre a cultura hip hop dentro da universidade foi como voltar para casa, num lugar de identificação e o mais fascinante foi observar a potência empregada em cada afirmação, cada história e ponto de vista compartilhados, essa potência em trazer à tona uma verdade, aquilo que ama, teve o poder de transformar quase três horas passarem como minutos, uma vez que ao embarcar nessa “paixão de vida”, contar os minutos, na minha opinião, seria tolice. Como líder, Márcio Brown, carrega sua cultura e dá voz a ela com muito orgulho, ouvi-lo naquela noite e sentir sua emoção me fez sentir representado, mesmo que bem longe de casa. Pude me lembrar de uma arte que fiz em 2021, que leva a frase: “Um mundo no qual não eu não tenha o peso de ser o primeiro e não precise ser o único”.



Figura 2: Ilustração de Thiago

Fonte: Imagem cedida pelo aluno Thiago (2023).

A partir da fala de Thiago, vêm à tona o caráter radicalmente dialógico, democrático e, nas falas de Paulo Freire, “a ética da luta e a boniteza da briga”. Quando o educador pernambucano enaltece “luta e briga”, não o faz num sentido banal, de liberação de forças ou catarse de extravasamento de energias reprimidas, mas de deslocamento e foco em processos de libertação e construção política de outras formas individuais e coletivas de existência. Ao fazer a voz da periferia em luta ser ouvida e ecoar em um ambiente universitário, impactando de modo emblemático a vivência de jovens no espaço universitário, Márcio Brown, pensando “freireanamente”, enche de boniteza toda a indignação e raiva presentes na cultura do hip hop.

No escopo dialógico e comunicativo, não é somente o fato de Márcio Brown ser um músico que o permite levar adiante e para mais pessoas a fala belamente indignada das margens sociais, geográficas e históricas da sociedade, mas também porque obriga a abertura de mundo freireana, que obrigatoriamente transforma o diálogo em construção de saberes outros, a partir dos encontros e das conexões. Essa produção coletiva, inventora de saberes e conhecimentos outros, expõe o fato de que são currículos e conteúdos outros que se impõem aos sujeitos em comunicação. Ao transformar os indivíduos que se prontificam a ouvir e conversar com o líder folkcomunicador, Márcio Brown faz educação.

E, por fim, o exercício folkcomunicativo e educativo promovido por Márcio Brown caracteriza uma radicalidade ímpar, visto que, ao trazer para o espaço universitário, em forma de música, a gravidade trágica dos problemas que atingem as periferias e o povo negro no Brasil, obriga esses estudantes de Comunicação a inverterem a perspectiva no pensamento dessas situações. Isso porque, quando têm aulas sobre as questões e os problemas sociais brasileiros na universidade, geralmente não são aulas dadas por quem enfrenta esses problemas em seu cotidiano diário e, muitas vezes, sob a perseguição e o assédio constantes, decorrentes do racismo que marca o povo negro e pobre no Brasil. Essa inversão na perspectiva, educativamente, é uma radical transformação nos processos formativos de jovens estudantes.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho buscou investigar a presença de um líder comunicador *folk* no ambiente universitário. O objetivo do artigo foi compreender de que maneira os estudantes associaram a presença do *rapper* Márcio Brown aos estudos folkcomunicacionais. Para tanto, realizou-se pesquisa etnográfica com observação do evento, entrevista semiestruturada e análise de conteúdo em 19 atividades, chegando ao resultado de que ouvir e presenciar um líder comunicador *folk* sugere efeitos muito mais significativos para a associação da folkcomunicação enquanto teoria fundamental para a compreensão social.

A proximidade com o *rapper* provocou a motivação de estudantes para contribuir com o movimento hip hop, além de fazer com que refletissem sobre sua própria realidade, confirmando que houve um processo de alteridade, visto que a maioria não pertence ao grupo social de Márcio Brown. Por outro lado, fez também com que alunos pertencentes ao seu grupo social se sentissem mais confortáveis e representados no ambiente universitário.

Além da intenção inicial de compreender o impacto da presença de um líder folkcomunicacional e educador na universidade, este artigo buscou apresentar pontos que consideramos relevantes para a compreensão da prática do hip hop na cidade de Sorocaba, que continua fortalecida por meio de eventos e encontros, dentre os quais muitos são promovidos por Márcio Brown. Detectou-se que a abordagem da teoria da folkcomunicação num componente curricular, em conjunto com a presença de um líder comunicador no ambiente universitário, indica melhor aproveitamento no ensino que busca oferecer compreensão social.

A liderança exercida por Márcio Brown, antes de se confundir com uma espécie de chefia carismática, guiadora de seitas e rebanhos, além de se impor como "representativa", na verdade é a presença pura das periferias brasileiras — em especial, dos grandes centros urbanos —, que, ao invés de dizer que fala pelas pessoas que se sentem representadas por aquela chefia, na realidade estão falando através dela e de sua música. É mais uma espécie de liderança que funciona como vetor da ação coletiva, que impulsiona outros

sujeitos e grupos em interesses comuns, do que o comando que impede a ação cooperativa e, por sua vez, toma para si toda a decisão e, consequentemente, o privilégio e a ostentação.

É nesse sentido que a presença de Márcio Brown na Universidade de Sorocaba pode ser entendida: como uma diferença extrema em diálogo com outros até então iguais, permitindo que esse contato e conexão entre dessemelhanças – e, muitas vezes, disparidades – seja não uma promotora de violências e conflitos barbáricos, mas de encontros potentes entre singularidades múltiplas que, em exercício e interesses em comum, criam possibilidades de modos outros de fazer política, cultura e comunicação.

REFERÊNCIAS

- ALTAMIRA, Cesar. **Os marxismos do novo século**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.
- BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**: reflexões sobre minha vida e minha práxis. São Paulo: Paz & Terra, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da tolerância**. 3. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 24. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2018.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Assembly**: A organização multitudinária do comum. São Paulo: Editora Filosófica Politéia, 2018.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, 2009. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832009000200006>
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. São Paulo: de perto (e de dentro) é outra cidade. **Ponto Urbe**, n. 18, 2016. <https://doi.org/10.4000/pontourbe.3116>
- MARX, Karl. **A Guerra Civil na França**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MORIN, Edgar. Crônica de um filme. In: ROUCH, Jean. **Ciné Éthnography**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2003.
- MCLUHAN, Mac. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2001.

"O Hip Hop salvou minha vida!":
(contra)liderança e educação de um folkcomunicador na universidade
• Thífani Postali e Rodrigo Barchi

PENA, Alexandra Coelho; NUNES, Maria Fernanda Rezende; KRAMER, Sonia. Formação humana, visão de mundo, diálogo e educação: a atualidade de Paulo Freire e Martin Buber. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 34, e172870, 2018. <https://doi.org/10.1590/0102-4698172870>

POSTALI, Thífani. **Blues e Hip Hop**: uma perspectiva folkcomunicacional. Jundiaí, Paco Editorial, 2011.

REIGOTA, Marcos. A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 6, 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24105>. Acesso em: 30 out. 2024.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **Folkcomunicação & ativismo midiático**. João Pessoa: Universitária da UFPB, 2008.